



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – FFCH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

***Somente restava à polícia adotar uma
medida enérgica***

**A Greve de operários da Usina de São Carlos em S. Amaro, e a
repressão policial na imprensa baiana, 1949.**

Mariely Rosário dos Santos

Salvador

2017

Mariely Rosário dos Santos

***Somente restava à polícia adotar uma
medida enérgica***

**A Greve de operários da Usina de São Carlos em S. Amaro, e a
repressão policial na imprensa baiana, 1949.**

Monografia apresentada como parte dos requisitos avaliativos do curso de história, para a aprovação nas disciplinas: Estudos monográficos II e Pesquisa Supervisionada II. Orientadas pelo professor Dr^o. Antonio Luigi Negro.

Salvador

2017

RESUMO

Essa monografia tem como objeto de estudo a greve de trabalhadores de 1949, na Usina de São Carlos, localizada na cidade de Santo Amaro, Bahia. Esses trabalhadores integram um grupo mais amplo de operários que no período após a Segunda Guerra Mundial, no Governo Dutra e Mangabeira, sentindo as dificuldades financeiras e a falta de efetividade dos direitos trabalhistas utilizaram a greve como um dos instrumentos para suas reivindicações. A greve em questão se finda em frente à delegacia, com um balanço de dois trabalhadores mortos e outros feridos enquanto pediam a soltura de companheiros também envolvidos com o movimento paredista que foram detidos pela polícia local. Um dos principais argumentos utilizados pelas autoridades policiais para legitimar a repressão foi de que o movimento significou uma afronta à ordem e que foi claramente arquitetada e direcionada por elementos comunistas. Analisando algumas notícias produzidas por jornais baianos, percebe-se que esse discurso foi reproduzido pelos meios de comunicação. A partir de uma análise dos jornais: O Diário de Notícias, o Jornal A Tarde e O Estado da Bahia, busca-se compreender quais foram os discursos, as omissões e o posicionamento dos jornais no acompanhamento da greve até seu desfecho.

Palavras chave: Greve- Repressão- Imprensa- anticomunismo

ABSTRACT

This monograph has as the object of study the worker strike of 1949, at the São Carlos plant, located in the city of Santo Amaro, Bahia. These workers integrate a broader group of workers who in the post-World War II period, in the Dutra and Mangabeira government, feeling the financial difficulties and lack of effectiveness of labor rights used the strike as one of the instruments for their claims. The strike in question ends in front of the police station, with a balance of two workers killed and others injured while asking for the release of comrades also involved with the strike movement who were detained by the local police. One of the main arguments used by the police authorities to legitimize the repression was that the movement meant an affront to the order and which was clearly architected and directed by communist elements. Analyzing some news produced by Bahian newspapers, it is noticed that this speech was mainly reproduced by the media. From an analysis of the newspapers: The Diário de Notícias, The Jornal A Tarde and The Estado de Bahia, it is sought to understand the speeches, omissions and positioning of newspapers in the follow-up of the strike until its outcome.

Keywords: Strike, repression, press, anti-communism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I: A greve.....	9
CAPÍTULO II: <i>Somente restava à polícia adotar uma medida enérgica.....</i>	11
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS.....	19

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como intuito compreender a Greve de trabalhadores de 1949, na Usina de São Carlos, Bahia, e sua repercussão na imprensa baiana. Para esse estudo serão analisadas as notícias do mês de janeiro dos jornais, O Diário de Notícias, o Jornal A Tarde e O Estado da Bahia.

É preciso saber que esta não é uma greve isolada dentro do período dos anos 40 e início dos anos 50, nem para a Bahia, muito menos em âmbito nacional. O Brasil pós Segunda Guerra, foi um palco em que trabalhadores e movimentos sindicais de diversos setores se levantaram contra as carestias dos bens de consumo e na luta pela efetividade dos seus direitos, muitas vezes garantidos no papel e não efetivados.

Foram movimentos grevistas que como afirma Negro¹ tornaram-se alvo da aliança PSD e UDN no governo Dutra, principalmente por defrontar-se com a autoridade patronal e policial, e sob a suspeita de serem esses trabalhadores e seus sindicatos orientados por agentes comunistas.

Para além disso essa é uma conjuntura em que o Partido Comunista, já na ilegalidade, desde 1947, se volta para a classe trabalhadora articulando e tensionando também essas disputas entre patrões e empregados, seja através de ações junto aos trabalhadores ou através do seu jornal “O momento”, um meio pelos quais os trabalhadores tinham espaço para exprimir suas reivindicações, denunciando as feitas dos empresários e/ ou incentivando entre os trabalhadores de diversos setores e lugares, um sentimento de solidariedade e união.

No entanto como defende Souza², a ação dos trabalhadores nesse período não pode ficar refém do que fez ou não o PCB para articulá-los. Antes mesmo de o Partido Comunista dar essa guinada e se voltar para uma ação mais agressiva, os trabalhadores vinham delineando essas questões, porque vinham sentindo, a sua maneira, as dificuldades vividas por eles mesmos.

¹ Negro, Antonio Luigi. “Não comeu porque não quis”. Revista Brasileira de História. Vol.32,nº64. São Paulo. 2012, p.122.

²SOUZA, Edinaldo A. Oliveira. *Trabalho, política e cidadania: trabalhadores, sindicatos e luta por direitos (BAHIA, 1945-1950)*. Dissertação (Doutorado em história). UFBA. Salvador, 2015.

A greve em estudo chama atenção pelo seu desfecho, onde, devido à reação violenta da polícia, dois trabalhadores foram mortos e outros onze saíram feridos. Pensando essa conjuntura é que surge a principal questão: como esse acontecimento foi noticiado pela grande imprensa baiana? Para além de compreender a greve em si, pretende-se analisar qual foi o lugar que ela ocupou nos jornais e qual foi o discurso da imprensa desde sua deflagração a seu triste fim para os trabalhadores mortos.

CAPÍTULO I: A greve

No dia 25 de janeiro de 1949, na cidade de Santo Amaro - Ba, trabalhadores da usina de açúcar São Carlos, pertencente a Sociedade Anônima Magalhães - Comércio e Indústria, levaram a um desfecho uma greve que já vinha se desenrolando desde o dia 11 do mesmo mês.

Segundo a imprensa comunista a greve se iniciou com 2.400 trabalhadores que paralisaram suas atividades, para a entrega de um memorial no escritório da Usina com as seguintes reivindicações: férias, assinatura de carteiras e aumento no canavial³. Segundo Joaci Cunha⁴, já nessa paralisação a polícia foi acionada, mas não houve confronto.

O prazo para que a empresa respondesse às reivindicações dos trabalhadores era de até oito dias, o que não aconteceu. No dia dezoito como não obtiveram resposta os trabalhadores decidiram pela greve. Nesse meio tempo, Narciso Bispo, presidente da Sociedade Artífice Santamarense, representando os trabalhadores da Usina S. Carlos, na qual a sociedade tinha o maior número de filiados, continuava a negociação com o setor administrativo e no diálogo com os trabalhadores.

Não era a primeira vez que os trabalhadores do recôncavo haviam manifestado contra a falta de direitos à qual eles estavam submetidos. Edinaldo Souza⁵ mostra que desde 1946 vinha crescendo o movimento de disputas entre patrões e trabalhadores nas usinas do recôncavo, seja pela via direta (os memoriais e as paralisações) ou disputas pela via jurídica.

Sobre a via jurídica o autor afirma:

Os embates travados no interior dos tribunais, sobretudo nas ações coletivas, ajudam a explicitar contradições, a criar ressentimentos, a ampliar noções de direitos e de justiça, a estreitar laços de solidariedade, reforçando a identidade coletiva entre os trabalhadores. Contudo, mesmo quando individuais, não deixavam de ter repercussão entre os

³ O momento, 23-01-1949. p.1(Biblioteca Pública do Estado da Bahia)

⁴ CUNHA, Joaci. *Amargo açúcar: aspectos da história do trabalho e do capital no recôncavo açucareiro da Bahia(1945-1964)*. Dissertação (Mestrado em história). UFBA. Salvador,1995.

⁵ Tensões nas usinas de açúcar do recôncavo: a greve de 1946 e as disputas trabalhistas no intervalo democrático(1945-64). Revs. Art e cultura, Uberlândia, V. 19, p.89-107.

trabalhadores da empresa, e até mesmo, fora dela, possibilitando assim, a construção de uma “cultura jurídica” operária. O fato de um peão levar o patrão a justiça, exigir deles seus direitos e sair vitorioso então, constituía um ato de insubordinação que dificilmente deixaria de arranhar a autoridade patronal, mormente em pequenas localidades do interior, onde as notícias rapidamente se propagam⁶.

Digito isso para mostrar que essa solidariedade ao companheiro de trabalho envolvido em processo jurídico com a empresa pode ter sido também uma das motivações que levaram esses trabalhadores a greve. O trabalhador em questão é o operário Antônio Nunes, que na época mantinha na justiça um processo contra a companhia S.A Magalhães⁷.

O que levou a greve a ter momentos de tensão foi a prisão de três trabalhadores, Sandoval Pereira Almeida, Francisco Oliveira e Narciso Bispo de Araújo. Estes foram detidos pela polícia por estarem supostamente incitando os trabalhadores a não voltarem ao trabalho. Os trabalhadores resolveram manifestar seu descontentamento em frente a cadeia pública de Santo Amaro, pedindo a soltura de seus colegas de trabalho e de luta.

Cerca de 200 trabalhadores se dirigiram para a cadeia pública de Santo Amaro no intuito de libertarem seus colegas de trabalho e segundo o delegado de polícia, Américo Ventura⁸, foram advertidos que não avançassem, tendo eles não recuado, o que forçou os soldados a agirem⁹.

Não se sabe ao certo quem primeiro puxou o gatilho, ou se esses trabalhadores realmente estavam armados como afirmou o delegado de polícia da cidade. Porém para a grande imprensa houve um confronto com troca de tiros. E em meio a esse confronto a presença de “elementos suspeitos” teriam levado a greve a se findar com trabalhadores mortos e feridos.

⁶ SOUZA, 2009, p.107.

⁷ Jornal Diário de notícias, 26-01-1949, p. 3.(Biblioteca Pública do Estado da Bahia)

⁸ Jornal Diário de notícias, 26-01-1949, p3. (Biblioteca Pública do Estado da Bahia)

⁹ Os jornais pesquisados traziam todos essa mesma interpretação sobre o motivo de reação dos soldados

CAPÍTULO II: *Somente restava à polícia adotar uma medida enérgica*

A polícia fez ver que naquela forma não ficava bem, viessem de outras maneiras. Entretanto, industriados por elementos subversivos, o grupo invadiu o quartel, travando então renhida luta, do que resultou ferimentos a nove operários, que invadiram um próprio público estadual, numa demonstração de força e achincalhe às autoridades constituídas. Ante tal atitude dos operários, insuflados por elementos comunistas, somente restava à polícia adotar uma medida enérgica, reagindo a maneira pela qual os trabalhadores procuravam obter a liberdade de três companheiros¹⁰.

O trecho da notícia acima traduz, com propriedade, como a grande imprensa quis retratar a greve de trabalhadores da Usina São Carlos. Consultando sempre os “homens da lei”, os seus interlocutores precisavam saber que as leis precisam ser respeitadas e que se algum trabalhador precisar manifestar uma questão a que ache que tenha direito, tem que fazer isso nos meios legais e não se opondo as ordens.

Analisado os jornais Diário de notícias, O Estado da Bahia e o jornal A tarde, a deflagração e as motivações que levaram os trabalhadores da usina a greve, não se faz presente nem se quer numa pequena nota antes de seu desfecho no dia 25 de janeiro. Esse dia sangrento, porém, não podia passar despercebido, principalmente pela sua repercussão.

Santo Amaro não é uma cidade tão distante de Salvador, imagina-se que logo as notícias de uma agitação como essa, numa cidade pequena do recôncavo, ia chegando a capital baiana. Diante disso não dava para não trazer para o espaço do jornal tais acontecimentos, porque os seus leitores deveriam ficar “bem informados” e não simplesmente com notícias soltas.

Imagine se trabalhadores da capital baiana a partir desses burburinhos entendessem mal a ação de tão honestos homens da lei? E, além disso, a população precisou entender que a ação dos que buscaram manter a ordem tiveram tais consequências devido a ação de comunistas no meio desses trabalhadores. E que eram esses os culpados pelos mortos e feridos.

¹⁰ Jornal Diário de notícias, 26-01-1949,p.3-2. (Biblioteca Pública do Estado da Bahia)

Para além disso, no final das contas as pessoas precisavam saber que estava tudo bem e que graças a ação das autoridades os acontecimentos dessa natureza não tinha força.

**Desmentido os rumores de novos acontecimentos-
continuam detidos os insufladores reconhecidamente
comunistas**

Ainda repercute nesta capital, os acontecimentos de ante-ontem, na cidade de Santo Amaro, onde elementos comunistas, infiltraram-se entre os trabalhadores da Usina de São Carlos, promovendo distúrbios, resultando num fato doloroso.

Em nossa edição de ontem, noticiamos detalhadamente os acontecimentos, que culminaram com a troca de tiros entre os operários grevistas e a força policial, quando a cadeia pública foi invadida por cerca de duzentos homens, alguns armados, conforme ficou apurado, nas declarações de pessoas que testemunharam as ocorrências¹¹.

A própria manchete já abre caminhos para imaginar o quanto esse acontecimento estava na pauta das conversas entre os moradores da capital baiana. Segundo o jornal, estavam se espalhando boatos. Por isso é bem provável que os acontecimentos na Usina São Carlos tiveram realmente uma grande repercussão entre os soteropolitanos, mas não se sabe o que falavam as pessoas de tal fato. Os jornais trataram de dar a sua versão. Infiltrações, trocas de tiros, cadeia invadida e declaração dos que “testemunharam” o ocorrido.

As notícias nos três diferentes jornais seguem o mesmo enredo. Primeiro o ocorrido, as explicações para que houvesse tal acontecimento, as consequências para os trabalhadores, as providências que as autoridades tomaram e o retorno de Santo Amaro a total normalidade.

Em meio a 200 trabalhadores que participaram do embate e os outros grevistas que não participaram diretamente, parece que para a grande imprensa nenhum deles estavam habilitados a falar a respeito. Por isso os nomes que aparecem nos jornais falando sobre assunto é o delegado de polícia Américo Ventura que ordenou a ação contra os trabalhadores, o prefeito de Santo Amaro Osvaldo Dias e o delegado especial enviado a Santo Amaro para “manter” a ordem, Sr. Adelino Carvalho.

¹¹ Jornal O Diário de Notícias, 27 de Jan. de 1949, p.3 (Biblioteca Pública do Estado da Bahia)

Todos os jornais fizeram questão de deixar claro quem foram os cabeças de tal movimentação em Santo Amaro. Os comunistas se tornaram os alvos da imprensa e os culpados pelo ocorrido. No discurso da imprensa se estes não estivessem infiltrados entre os trabalhadores as coisas não chegariam a tal ponto.

A reivindicação desses trabalhadores aparece como um elemento sem tanta importância para que eles tenham tomado tal atitude. Na verdade se fala da reivindicação dos trabalhadores para mostrar as armas que os comunistas utilizaram para convencê-los a chegar nesse ponto. O acontecimento de Santo Amaro foi explorado pelos jornais como mais uma das perturbações comunistas contra a ordem.

Os acontecimentos desenrolados, ontem, em Santo Amaro, demonstram muito bem a quanto vai a ação dos comunistas para perturbar a ordem pública e levar os trabalhadores a situações de desespero.

Há mais de um ano que denunciemos as atividades dos agentes de Stalin, sediados neste estado, junto aos trabalhadores das usinas de açúcar e graças a ação eficiente das autoridades trabalhistas e estaduais, pode se abortar todo um plano criminoso que seria levado a efeito. Infelizmente, os agentes vermelhos prosseguiram nas suas criminosas atividades, obedecendo as ordens de seus chefes, e o resultado foram os lamentáveis acontecimentos de Santo Amaro.

Não somente os comunistas levaram trabalhadores de uma usina a uma greve, sob o pretexto de reivindicações que se justas, poderiam obter seus resultados por intermédio dos trâmites legais. Mas também a prática de desordens, como a invasão da cidade, para ocupar a cadeia pública. Como se vê um plano amadurecido pela ação lenta e eficaz de agentes comunistas que ali poderiam trabalhar conscientemente, sem maiores limitações a sua nefasta ação¹².

Nesse trecho da notícia do jornal O Estado da Bahia, a ação dos comunistas dentro dessa greve parece uma ação maquinada por forças até mesmo fora do alcance nacional, que seguindo ordens de seus chefes levaram os trabalhadores a praticar desordens.

Um dos argumentos principais desse trecho da notícia é que sendo as reivindicações dos trabalhadores um elemento de importância para eles, porque eles não

¹² Jornal O Estado da Bahia, 26 de jan. de 1949, p.2. (Biblioteca Pública do Estado da Bahia).

teriam levado isso aos trâmites legais?¹³. Argumento usado na tentativa de desqualificar qualquer ação que não fosse por meio legal, deixando as reivindicações dos trabalhadores restrita a ação da justiça trabalhista, que decidiria ser justa ou não tal causa.

Outra questão presente nessa notícia, que aparece também nos outros dois jornais, é a “caça” aos comunistas. O jornal deixa claro que já vinha denunciando as atividades dos agentes de Stalin, que estariam a mais de um ano agindo entre os trabalhadores das usinas. Ou seja, um dos compromissos do jornal também era fazer uma campanha anticomunista acirrada e levar aos seus interlocutores os males do comunismo.

Dando continuidade na mesma notícia, é possível discutir ainda outros aspectos, como a ação dos comunistas vista como uma ameaça à democracia.

Democracia não é suicídio, não é cruzar os braços ante os algozes do regime. E sobretudo do garantir das liberdades constitucionais contra os inimigos de um sistema político que reconquistamos arduamente. Não deixemos que os agentes de Moscou conduzam massas de trabalhadores- trabalhadores na sua totalidade cristãos e democratas- a situações extremas, usando as manhas e velhacarias tão da tática bolchevista¹⁴.

Várias são as armas utilizadas pelo jornal para persuadir os leitores acerca dos riscos da presença de comunistas, inclusive perder de vista algo tão caro que é a democracia.

Uma outra questão é que o jornal traça uma diferença entre os trabalhadores e os comunistas. Os trabalhadores são cristãos democráticos, vulneráveis e vítimas que se deixam confundir. Uma massa que apenas foi conduzida, cujo o problema foi ter se deixado levar. Já os comunistas são agentes bem capacitados na sua função de persuadir.

Essa noção dos comunistas como os agentes que levam os trabalhadores, em momentos de fragilidade, a cometer tais erros, foi bastante explorado nas notícias sobre

¹³ Sobre isso Fernando Texeira da Silva, em seu texto “Trabalhadores no tribunal”, mostra como a lei se tornou um instrumento regulador das relações trabalhistas e como a greve passou a ser um instrumento cada vez mais abominado.

¹⁴ jornal O Estado da Bahia, 26 de Jan. de 1949, p.2. (Biblioteca Pública do Estado da Bahia).

a greve. Rodrigo Pato Sá Mota. Em seu livro “Em Guarda contra o perigo vermelho¹⁵” descreve como foi possível a criação de um imaginário anticomunista forte que ganhou espaço em diversos setores da sociedade brasileira.

As igrejas, os jornais, discursos políticos, foram espaços de demonização dos comunistas, considerados como um desafio à moralidade, já que, segundo esses, os comunistas destruíam os valores morais que constituíam a família brasileira.

Segundo Mota muito do que se constituiu sobre os comunistas se intensificou com o movimento de 1935, a Intentona Comunista. Mota afirma que foi criado um relato mitificado sobre o ocorrido que ajudou a provocar uma mobilização social contra o comunismo¹⁶

Outra questão que ele trabalha, e que está presente em algumas das notícias estudadas sobre o ocorrido em Santo Amaro, é a ligação entre o movimento comunista e a ação de estrangeiros. O medo dos inimigos externos que colocavam em risco a nação¹⁷.

Segundo notícia do jornal “Diário da Bahia”, esses trabalhadores, tanto os que foram detidos na manhã antes da ida a delegacia quanto os que foram protestar, estavam armados e ameaçaram os soldados ali presentes. Fica difícil acreditar que esses 200 trabalhadores estivessem armados de tal forma a amedrontar tanto os soldados, e que o foco do massacre fosse os soldados, como relatou o delegado de polícia Américo Ventura por telefone.

A nossa reportagem conseguiu uma ligação telefônica com o tenente Américo Ventura, ontem a noite, tendo aquela autoridade nos declarado que cerca de 200 trabalhadores da referida usina, numa demonstração de força, insuflados por elementos comunistas, invadiram as 16 horas e 30 minutos a delegacia e cadeia pública com o objetivo de massacrar os soldados de destacamento¹⁸.

¹⁵ MOTTA, Rodrigo. Em Guarda contra o Perigo Vermelho: o anticomunismo no Brasil /1917-1964. São Paulo. Editora Perspectiva. 2002.

¹⁶ Ibidem, p. 76

¹⁷ Ibidem, p.55.

¹⁸ Jornal Diário de Notícias, 26 de Jan. de 1949 (Biblioteca Pública do Estado da Bahia).

Se realmente estivessem os trabalhadores armados, sendo eles 200, provavelmente teriam logrado sucesso e não sairiam com a quantidade de feridos, sendo que, dentre os soldados, apenas um possível homem foi ferido, mas pelo que demonstra a notícia, ainda assim, ferimento leve.

O que se passa é uma tentativa de deturpação até mesmo do que teria sido o foco dos trabalhadores. Segundo Joaci Cunha, não era a primeira vez que os trabalhadores foram reprimidos por forças policiais enquanto reivindicavam seus direitos, afirma o autor que:

Há indícios de que a empresa apostava na repressão policial como meio de desarticular o movimento. A prisão dos dirigentes pela manhã, a reunião com o delegado do trabalho que estava agendada para a tarde em que ocorreu o massacre foi desmarcada pela empresa. A informação passada pelo gerente da usina à polícia dando conta de armas que estariam portando os trabalhadores a caminho de Santo Amaro: tudo isso indicava um desejo da usina de uma solução violenta para o conflito, que intimidando os grevistas, fizesse enfraquecer e desmobilizar os empregados¹⁹.

As tentativas de desmobilização dos trabalhadores são verificadas também na afirmação do Jornal A tarde quando este lamenta o ocorrido, mas lamenta mais ainda que esses trabalhadores tenham se deixado seduzir por comunistas que os levaram a tal tragédia.

O fato é sobretudo lamentável pelas consequências que dele decorreram, com o seu trágico balanço de mortos feridos. Mas, se há lugar para expressão de lástima que a ocorrência está a inspirar, não deixa também de ser deplorável o fato de terem aqueles trabalhadores se deixado orientar no sentido de um atentado a lei, com o assalto que empreenderam contra o próprio do estado, onde funciona a delegacia. Esta circunstância, por si só, deixa a mostra a origem donde terá partido o incitamento a violência.

[...] Seria muito salutar que a minoria do operariado colhida na sede dos comunistas, meditasse sobre tais fatos. Veriam então, a infelicidade que esses inimigos internos estão

¹⁹ Cunha 1995, p. 166-167

cavando a seus pés, sem alimentarem outras contemplações, senão o êxito dos seus planos tenebrosos²⁰.

A mensagem do jornal soa mais como um sinal de alerta do que de tristeza. A violência que esses trabalhadores sofreram parece justificável por estarem eles aliados a elementos comunistas. Em nenhum momento o posicionamento dos guardas que dispararam contra esses trabalhadores foi questionado. Estando estes do lado da lei, segundo o entendimento da imprensa, sua função era manter a ordem, independente das circunstâncias.

²⁰ Jornal A Tarde, 27 de Jan. de 1949, p.3. (Biblioteca pública do Estado da Bahia)

Considerações finais

Segundo Maria Helena Capelato, a imprensa desde sempre se impôs como força política e por isso que os poderosos sempre a utilizam e a temem²¹. Essa afirmação se válida na prática, quando verificamos as intenções por trás das notícias sobre os acontecimentos.

A imprensa tradicional mesmo tentando assumir uma postura de neutralidade diante dos acontecimentos tem uma subjetividade que demonstra o seu lugar de fala. No caso das notícias sobre o desfecho da greve na usina São Carlos, obviamente que esse lugar não era dos trabalhadores que nem se quer tiveram espaço de exprimir a sua versão sobre o ocorrido. Esses periódicos estudados, dizendo estar falando em nome do estado, exprimiam o ponto de vista dos empresários.

As notícias sobre a greve de 1949 deixam evidente que a imprensa participou ativamente da construção de uma imagem negativa sobre o ocorrido. Mas negativa não pelo que fizeram os soldados contra os trabalhadores, seus mortos e feridos. Mais uma vez, foi criada a imagem de comunistas, agindo a partir de interesses próprios, mas capazes de conduzir uma massa de trabalhadores a medidas extremas sem levar em consideração as consequências.

²¹ CAPELATO, 1988, p.18

Referências:

CAPELATO, Maria Helena: *A imprensa e história do Brasil*. São Paulo. Editora Contexto. 1988.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. *O bravo Matutino: imprensa e ideologia: o jornal de o Estado de S. Paulo*. São Paulo. Editora Alfa ômega. 1980.

CUNHA, Joaci de Souza. *Amargo açúcar: aspectos da história do trabalho e do capital no recôncavo açucareiro da Bahia(1945-1964)*. Dissertação (Mestrado em história). UFBA. Salvador,1995.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo. Editora Perspectiva. 2010.

MOTTA, Rodrigo. *Em Guarda contra o Perigo Vermelho: o anticomunismo no Brasil /1917-1964*. São Paulo. Editora Perspectiva. 2002.

Negro, Antonio Luigi. “Não comeu porque não quis”. *Revista Brasileira de História*. Vol.32,nº64. São Paulo. 2012, pp. 101-128.

SOUZA, Edinaldo A. Oliveira. *Tensões nas usinas de açúcar do recôncavo: a greve de 1946 e as disputas trabalhistas no “intervalo democrático” (1945-1964)*. *Artcultura*, v.11, nº 19. Uberlândia/MG, Jul.-dez. 2009, pp. 89-107.

SOUZA, Edinaldo A. Oliveira. *Trabalho, política e cidadania: trabalhadores, sindicatos e luta por direitos (BAHIA, 1945-1950)*. Dissertação (Doutorado em história). UFBA. Salvador, 2015.

SILVA, Fernando. *Trabalhadores no Tribunal: conflitos e justiça do trabalho em São Paulo no contexto do golpe de 1964*. São Paulo. Editoras: Alameda/Fapesb . 2016.